

18 Interpretações significativas

Os relatos de intervenções psicanalíticas habitualmente dão um sentido especial a interpretações específicas; isto vale tanto para os relatos de trabalho com crianças quanto para os de adultos. Certas interpretações especiais influenciam o trabalho analítico em períodos específicos na análise e merecem uma atenção especial.

A questão do significado de uma interpretação e do relacionamento entre interpretações aparentemente significativas e o restante do trabalho analítico são importantes para todos os analistas.

As interpretações são consideradas significativas quando ocasionam uma modificação no comportamento ou no material do paciente. Essas mudanças nem sempre se manifestam imediatamente após uma interpretação que é dada pela primeira vez. Portanto, é necessário habitualmente um período de trabalho durante o qual o terapeuta pode ter de repetir a interpretação de várias formas e em diferentes contextos. Frequentemente, só depois desse período o terapeuta verá no material ou comportamento da criança as mudanças que demonstram o significado da interpretação. Certos pacientes mostram uma melhora marcante em certas áreas e é impossível o terapeuta identificar e isolar a interpretação significativa específica que pode ter contribuído para a mudança.

Temos o registro de uma interpretação *significativa* no caso de Frank O., de onze anos e meio:

Para registro. Registrar as interpretações particularmente importantes, especialmente as que ocasionaram uma mudança significativa no material ou no comportamento da criança.

No quarto ano de tratamento, a rivalidade de Frank com seu irmão menor reapareceu no material de tratamento, dessa vez em termos anais. Frank estava enfartado e disse ao terapeuta o quanto odiava seu irmão. Comentou que não tinha medo dos "barulhos de banheiro", mas admitiu ter medo de ficar preso dentro do lavatório. Isso levou a um material sobre sua mãe, que permitia o bebê se *sujar* e fazer xixi e ainda o mimava, enquanto com Frank ela jogava o cocô para longe com nojo. O terapeuta interpretou o desejo infantil de Frank atirar seu irmão pela privada, como fezes, e também verbalizou a fúria de ciúmes da mãe que ele teve nessa ocasião. Isso suscitou uma explosão de raiva destrutiva na sessão: Frank amassou e arremessou os brinquedos e móveis a seu redor, jogou massa plástica na terapeuta, e depois atacou-a violentamente. Então o material passou a referir-se à raiva que Frank sentia da mãe, mais do que à raiva do irmão. Assim, de um comportamento de falar em matar o irmão e um desempenho de atuações sádicas, Frank passou a fazer uma brincadeira abagunçada com água e massa plástica e, finalmente, esparramando água suja nas roupas da terapeuta. Esta entendeu e interpretou o material como uma reativação de episódios em que Frank tentou impedir sua mãe de deixá-lo, sujando as roupas quando ela se vestia para sair. A resposta imediata de Frank a essa interpretação significativa foi a aceitação e o alívio. Subseqüentemente, o material analítico passou das preocupações anais para outras áreas, e a terapeuta notou mudanças concomitantes no funcionamento externo de Frank. Seu professor informou que seus trabalhos escolares progrediram notavelmente num período de poucos dias.

O exemplo do progresso de Frank, proveniente de seu quarto ano de tratamento, ilustra o fato de que grande parte do trabalho analítico habitualmente precede as ditas interpretações significativas. O primeiro terapeuta de Frank dedicou-se muito a trabalhar em torno do tópico de sua hostilidade com o irmão e seus medos de retaliação, especialmente enquanto relacionados à sua projeção de raiva e seus sentimentos de culpa com respeito ao abandono da mãe quando ele tinha cinco anos de idade. Esse material emergira com relação a Frank maltratar um gatinho, uma atividade que se acompanhava de muita culpa e medo de retaliação. O terapeuta soube com o pai que, após o nascimento do irmão de Frank, o paciente quase não mostrara sinais de ciúmes do bebê ou de raiva pela mãe, mas que durante algum tempo maltratara muito um gatinho que sua mãe *adotara* logo após voltar para casa com o bebê.

ANNA FREUD. *Se nós, analistas, dizemos que uma interpretação é significativa quando ocasionou mudanças, então temos de examinar como ela funciona. Temos de nos indagar quanto às relações entre interpretação e insight, por exemplo, e também temos de levar em conta as respostas do paciente às interpretações.*

As interpretações *significativas* que trouxeram alívios tão dramáticos para Frank, como um aumento subseqüente na sua capacidade de aprender, possivelmente não resultaram na recuperação de lembranças como esta, mas na revivência de afetos e sentimentos relevantes às primeiras experiências. Talvez o alívio que se seguiu à interpretação fosse uma consequência do fato de que o ego mais maduro da criança agora estava mais apto a aceitar os desejos hostis, especialmente quando o paciente via que tinham ligações com o passado.

Arthur H. começou a se tratar aos doze anos e quatro meses; seu material foi classificado quando ele tinha treze anos e seis meses:

Na 18ª semana de tratamento, depois de uma sessão em que falou de sua aflição em *executar coisas* diante dos outros, ele teve uma volta aos tipos de comportamento que apareciam no início do tratamento, incluindo o silêncio, ficar olhando para o terapeuta, chegar a risadas quase convulsivas e ficar remexendo um pedaço de massa plástica. A interpretação de que ele via o terapeuta como uma platéia que aguardava o seu desempenho não encontrou resposta, e Frank continuou a brincar com a massa. Depois de um período considerável de silêncio, foi feita uma reconstrução, em que Arthur seria semelhante a uma criança sentada no urinol, que não conseguia fazer nada e fazia sua mãe ficar esperando; que agora ele estava *controlando* o terapeuta da mesma maneira que fizera com sua mãe, transformando o terapeuta numa "mãe que espera". Arthur reagiu com grande satisfação e então falou com uma liberdade cheia de vivacidade das batalhas que estavam sucedendo atualmente entre a mãe e a irmã de três anos e meio. Ele parecia obter considerável satisfação substitutiva do desamparo da mãe nessa interação sadomasoquista. O terapeuta tentou mostrar a Arthur como ele se sentia criticado quando expressava seus desejos sádico-anais, suas sujeiras; por exemplo, abandonando uma pintura suja, quando o terapeuta comentou sobre o caráter da mesma. Assim como ele temia no passado que a mãe não suportasse seu comportamento sujo e o deixasse se essas expressões emergissem, agora parecia esperar a mesma coisa do terapeuta. Essas interpretações transferenciais foram muito significativas, o que ficou evidenciado pelo fato de Frank chegar quase a uma associação livre na sessão seguinte e raramente voltar ao comportamento de retenção no tratamento subsequente.

O exemplo do caso de Arthur pode representar uma regressão anal-sádica na transferência, na qual o paciente produz um material regressivo e o terapeuta dá a interpretação em termos de uma revivência de algo que ocorreu no passado. A interpretação que Arthur recebeu foi eficaz, porque o material veio mais livremente na sessão seguinte e esta regressão específica raramente ocorreu de novo na análise. Podemos tomar o fato de as associações de Arthur à interpretação referirem-se ao desenvolvimento de uma situação paralela e atual com sua irmã mais nova e a mãe como um material confirmatório e pode ser encarado como uma parte do processo de elaboração.

A reconstrução específica detalhada no exemplo de Arthur baseou-se nas indicações de conteúdo anal, tais como remexer na massa e a aflição do desempenho diante dos outros. Também tinha ocorrido uma mudança na forma habitual de Arthur se comportar nas sessões, bem como na natureza controladora de seu silêncio. Tudo isso serviu de indicação para o terapeuta de que Arthur estava se comportando como uma criancinha sentada no urinol. Os meses de trabalho analítico que precederam essa sessão específica prepararam o terapeuta para a situação na qual se fez a reconstrução. As interpretações efetivas são o ponto culminante de processos que ocorrem por muito tempo. Embora ocasionalmente seja possível remeter-se alguma mudança a um certo passo específico, normalmente os terapeutas não devem esperar conseqüências mágicas de uma *boa* interpretação.

Certos pacientes mostram que uma dada interpretação teve um significado especial para eles, voltando continuamente a ela ou referindo-se a ela de uma forma ou de outra. Hannah, de cinco anos, que não parecia responder a nenhuma interpre-

tação referente a seus sentimentos de raiva muito evidentes, ouviu sua terapeuta cantar uma canção com o refrão: "Hannazinha está de mal". Hanna freqüentemente voltava a essa canção nos momentos apropriados mais adiante no tratamento e pedia ao terapeuta que cantasse novamente para ela. O fato de o terapeuta usar uma canção tornou a agressão mais aceitável, provavelmente porque ao cantá-la a terapeuta transmitiu a idéia de que ela mesma aceitava.

As interpretações podem ter vários tipos de significação. Uma definição precisa excluiria muitas interpretações importantes. Uma interpretação pode ser *boa* porque tenha um efeito no trabalho analítico subsequente. As interpretações também podem ser boas porque incluam todos os diversos aspectos de um conflito e porque venham seguidas de um trabalho por um período maior de tempo e numa área mais ampla. O terapeuta pode considerar outras interpretações boas porque integram as coisas na mente do terapeuta, mesmo que não sejam especialmente impressionantes quando transmitidas ao paciente.

As interpretações significativas não ocorrem por acaso. Vêm precedidas de outro trabalho analítico, trabalho este que inclui interpretações anteriores e outras intervenções do terapeuta. Além disso, uma interpretação pode ocasionar uma mudança progressiva de posição no desenvolvimento e no comportamento da criança, porque reduz uma ansiedade que anteriormente impedia essa modificação. Uma criança pode ter regredido diante da ansiedade ocasionada, por exemplo, pelo conflito, e seu comportamento pode ser dominado pelas fantasias, pelos impulsos e tipos de funcionamento revividos regressivamente. A interpretação da ansiedade da criança, da qual ela se retraiu, pode permitir-lhe progredir novamente, e o conteúdo do comportamento dominado pela regressão não necessita ser incluído na interpretação *significativa*.



Obra publicada, originalmente, em inglês sob o título
The Technique of Child Psychoanalysis — Discussions with Anna Freud
© de Joseph Sandler, 1980
Direitos reservados à The Hogarth Press Ltd, 1980

Capa:
Mário Röhneit

Coordenação editorial:
Paulo Flávio Ledur

Composição, diagramação e arte:
AGE — Assessoria Gráfica e Editorial Ltda.

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à
EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA.
Rua General Vitorino, 277 — Fones 25-8143 e 25-2728
Porto Alegre — RS — Brasil

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

JOSEPH SANDLER
e colaboradores

Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia
I. E. P. P.

técnica da psicanálise infantil

Anna Freud na Clínica Hampstead
Debates - Diálogos - Comentários

Tradução
ARLENE CAETANO
Psicóloga

Revisão técnica:
PAULO KELBERT
Psiquiatra

2.^a Edição



**BIBLIOTECA
DO IEPP**

PORTO ALEGRE / 1990